

## **UM NOVO GOVERNO, UMA NOVA PREVENÇÃO ?**

Queiram ou não alguns setores da sociedade brasileira – estaremos em 2003 diante de uma nova realidade política. É muito interessante notar como nós – seres humanos – temos uma imensa dificuldade de enxergar o contexto do momento da história em que estamos inseridos e assim acabamos entendendo a história apenas como algo a ser visto e encontrado nos livros.

Ninguém sabe ao certo o que vai ser este novo governo. Muitos, tentam desde já visando seus interesses torna-lo comum – alegando que a situação chegou a tal ponto que é impossível que qualquer coisa seja feita. É preciso estar atento a estas pessoas e saber receber as informações que emitem com muito discernimento e levando sempre em conta os interesses que estão por detrás delas. Outros talvez – cansados de um país que é eternamente do futuro – acham que pelo voto ganharam na loteria e que assim no dia seguinte da posse estarão recebendo seu quinhão de direito. O que ambos tem em comum é a falta de noção de quem um país se constrói e que a história somos nós mesmos que fazemos, ainda mais quando o cenário de fundo disso é o nosso país continente, nosso país rico e cheio de recursos, nosso gigante pela própria natureza.

Particularmente não tenho ainda uma opinião formada sobre o que vai ocorrer, embora acredite que teremos momentos bastante interessantes no que diz respeito ao social. Com certeza – como dizem os velhos especialistas que sempre afirmam não haver dinheiro para o social mas são por demais hábeis para que este dinheiro apareça para atender interesses menores – teremos dificuldades para grandes mágicas, mas como tenho dito se o novo governo aos menos conseguir fazer funcionar o que já existe e pelo que já pagamos teremos uma terra brasilis infinitamente melhor. Se o novo governo conseguir trazer a tona a verdadeira

natureza do povo brasileiro – hoje atrofiada e com vergonha diante de tanta Lei de Gerson, em pouco tempo teremos um Brasil novo e melhor para todos e daí em diante tudo pode acontecer.

Para que tudo isso ocorra, há de se entender que há necessidade do trabalho de cada um. Precisamos despertar em nossa gente a consciência de que antes de defendermos este ou aquele segmento, esta ou aquela empresa, vem o interesse comum de defendermos os interesses coletivos de um povo e de um país. Se não fizermos frente a esta necessidade de mudança de comportamento teremos poucas chances. Neste ponto, cabe-nos como cidadãos-profissionais da prevenção estarmos dispostos e aptos a oferecermos nossa contribuição, entendendo que esta responsabilidade é nossa e não de quaisquer outras pessoas que entendam-se mais aptas. O Brasil só será bom, quando as soluções vierem do chão, da gente que como no faz e sabe o que deve ser feito. O Brasil só será melhor quando tivermos coragem de entender que nos somos mais uma colônia de quem quer que seja, que somos capazes de idéias próprias e que elas funcionam muito bem em nossa sociedade e empresas. Se não deixarmos de lado esta mentalidade antiga, se não nos valorizarmos – governo algum mudará nossos destino.

Durante muitos anos muitos de nós tem se batido dentro das empresas na pela busca de uma prevenção digna e real. Há por toda parte inúmeros trabalhos e iniciativas brilhantes e que sem dúvida alguma foram capazes de garantir a integridade física e a vida de um inestimável de pessoas. Se isso foi bom, com certeza ruim foi a ausência que sempre tivemos do centro dos debates sobre estes assuntos. Nossa cultura fez com que sempre transferíssemos a outros esta prerrogativa e assim durante muito tempo acabamos tendo que engolir certos atos e situações que muito mais do que incompatíveis com a prática apenas oneraram as empresas e fizeram da prevenção uma sub área. Pica gente entendeu que sem a dualidade profissional-cidadão não teríamos mesmo como ir longe e que apenas correr nos chão de fábrica sempre foi pouco. Deu no que deu e se mais uma vez –

diante deste momento – fomos omissos – certamente o futuro da prevenção – e quando digo isso refiro-me o futuro da vida do trabalhador – corre sérios riscos.

Dentro disso tudo talvez um ponto que deva ser urgentemente analisado por nossa comunidade diz respeito a posição das questões de segurança e saúde ocupacional dentro do contexto político e social. Vejo que mesmo entre muitos dos profissionais de nossa área existe um entendimento de que trata-se de um benefício. Isso é um absurdo ! Há elementos dentro de uma sociedade que são básicos e inalienáveis e com certeza o direito a vida e a saúde estão entre estes. Nosso assunto está na Constituição, não se trata de um direito qualquer do qual possa se abrir mão ou não em dado momento: um povo saudável é a base para qualquer sociedade moderna. Diante disso, precisamos antes de mais nada então construir este conceito, como digo acima, primeiro em nossas cabeças e depois fazê-lo chegar a toda sociedade. Qualquer empresa – pelas regras legítimas de mercado – tem pleno direito de comprar os serviços ou préstimos de alguém, mas não deve haver qualquer dúvida de que a vida e a saúde jamais estarão a venda e que aqueles que transgredirem esta norma – antes de mais de cunho ético – deverão pagar por isso. Parece que tal entendimento é simplório e inerente, mas com certeza não é. Se nos últimos 10 anos passamos dos trinta mil mortos devido ao acidente de trabalho não é conhecida uma única só punição compatível em termos de responsabilidade criminal. Ou enxergamos isso, ou continuaremos imaginando um país que não existe. Portanto, cabe ao profissional da prevenção – como cidadão que é – por luz sobre este tema e oferecer as autoridades subsídios que possibilite o discernimento entre o que de fato é um acidente – visto que sabemos os mesmos ocorrem – e o que reside no campo do descaso por parte de alguns. Nossos Conselhos, nossas Federações, nossos Sindicatos deveriam encontrar neste ponto um espaço interessante para representar não apenas interesses menores ou corporativos, mas com certeza agirem em favor da totalidade de interesses. Teríamos enfim, um sistema moderno de representatividade.

Entendo com clareza que o que menciono acima faz parte de uma série de medidas de contenção que com certeza irão ter efeito educativo imediato em especial a determinados segmentos sociais que julgam-se senhores da vida e da morte. Trata-se sem dúvida de uma ação necessária mas que não resume de forma alguma o que de fato precisamos para ter dentro dos locais de trabalho condições adequadas e dignas.

### **O que mais pode ser feito ?**

Como disse no início deste texto não devemos apenas esperar o milagre, devemos realiza-lo ou contribuir para que ocorra. A comunidade prevencionista – com todos seus profissionais e divergências – tem conhecimento o bastante do que é necessário e não deve se furtar de ser voz ativa neste momento. Devemos deixar claro por exemplo que é imprescindível para um futuro melhor e mais seguro que as questões prevencionistas sejam inseridas no sistema educacional brasileiro. Não quero dizer com isso que vamos ensinar prevenção de acidentes do trabalho as nossas crianças e jovens, mas com certeza devemos ensinar conceitos preventivos que quem sabe tenham início por exemplo pelo trânsito – que tanto nos aflige e cujas noções as pessoas só vão ter muitas vezes quando parte de seu comportamento já está formado: prevenção de acidentes e calamidades nas comunidades – visto que todos os dias somos negativamente surpreendidos por notícias sobre fatos neste segmento e por fim chegando a prevenção de acidentes no trabalho – visto que pelo menos um terço de nossas vidas nos dedicaremos a alguma atividade e portanto a matéria justifica-se plenamente. Mas não devemos parar aí, de imediato todos os cursos técnicos e de nível superior cuja atividade a ser desenvolvida após a formação tenha haver com riscos ocupacionais, deve também obrigatoriamente ter em seu curriculum as questões prevencionistas, especialmente nos cursos que formam profissionais que na sua atividade tomarão decisões que outras devam cumprir – e nestes – as questões de responsabilidade civil e criminal devem ser claras de tal forma que em possíveis casos futuros de

acidentes seja possível cobrar a responsabilidade destes profissionais. Tenho convicção de que fechando-se esta brecha em nossas formações, a escola cumpriria fortemente seu papel social na formação não apenas de mão de obra – mas acima de tudo de cidadãos conscientes e preocupados com seu país e povo.

Ao mesmo tempo, não podemos desconhecer que a realidade de grande parte de nossas empresas no que diz respeito aos meios para a prevenção é caótica. Anos e anos de impunidade, de fiscalização contida por interesses políticos e até mesmo de desconhecimento mais profundo do assunto pelos profissionais e entidades que deveriam zelar pelo assunto, fizeram com que tivéssemos um atraso imenso neste sentido. Há por todo Brasil empresas que se de fato fossem fiscalizadas seriam interditadas o que causaria um impacto social bastante negativo. Diante da realidade – tanto prevencionista como social, cabe-nos buscar algum tipo de solução que contemple todos os aspectos. Neste ponto penso que devemos recomendar ao novo governo que nos próximos anos todo e qualquer investimento feito em prol da prevenção de acidentes seja totalmente isento de impostos e mais do que isso, também dedutível no imposto de renda – buscando motivar a implantação de meios de prevenção por toda parte. Obvio que alguns dirão que isso causará rombos nos caixas do governo, mas com certeza os que dirão isso certamente querem omitir que danos maiores e mais duradouros causam os acidentes e as doenças e que portanto estamos aqui falando de investimento social não a partir da injeção de recursos vindos do governo, mas pelo direcionamento de recursos da própria iniciativa privada para interesses de cunho geral. Falarão também dos desvios e das simulações de uso, mas com certeza também não será diante da corrupção que o assunto gera atualmente. Um programa bem delineado, obrigatoriamente pelo menos tripartite, seria de grande valia para este momento e situação.

A isenção a qual me refiro acima deverá também ser estendida aos custos de manutenção dos especialistas, seja lá de for SESMT, SEST ou coisa que valha. Digo

isso porque com certeza a ausência ou retirada destes profissionais da gestão do assunto implicará – e quem estiver me lendo anote isso para que depois possamos cobrar de algumas entidades e pessoas – na perda de todo o trabalho que norteia a prevenção brasileira. E não venham me dizer que tal país do primeiro mundo as coisas funcionam bem como modelos diferentes porque basta acessar a internet para ver que as coisas não são bem assim: aliás, muitos dos países que alguns supostos entendidos dizem ter como referência – proporcionalmente tem mais acidentes do trabalho do que temos hoje no Brasil, apesar de nossa estrutura precária e das condições de trabalho muito piores. Tal canto da sereia certamente atinge algumas pessoas com boa vontade mas mal informadas quanto ao assunto, ao mesmo tempo, fazem brilhar os olhos de outros que vem na segurança e saúde uma mina de ouro e no trabalhador uma mercadoria a mais. Concordo plenamente que há problemas na atuação do SESMT nos moldes que hoje conhecemos – mesmo porque todo o sistema que está em volta também tem problemas. Concordo que necessitamos de levar para dentro das empresas a cultura do Sistema de Gestão, embora tenha sérias dúvidas visto o que vemos com o meio ambiente e com a qualidade. Mas de forma alguma concordo que o SESMT é dispensável, que deixaremos que o assunto SST vire domínio meramente político e que seja discutido no mesmo rol da alimentação, do transporte, da PLR, etc. Precisamos entender que o Brasil tem uma cultura própria e que dentro dela pelo menos nas próximas décadas prevenção já tem uma cultura que não deve ser abandonada.

Em suma, se nosso novo governo desejar de fato mudar o rumo das coisas, deve favorecer e facilitar as mudanças através deste incentivo, que não vejo ser utópico e oneroso. No futuro, o incentivo pode e deve ser retirado quando com certeza já teremos um outro panorama e consciência sobre o assunto.

## **A Nossa voz:**

Diante da consciência de nossa responsabilidade social com o tema prevenção, devemos o mais breve possível fazer chegar as nossas entidades representativas nossos anseios. Obviamente encontraremos certas dificuldades pelo hábito de algumas – não todas – em dedicaram-se apenas ao corporativismo anão e barato por detrás do qual quase sempre ocultam-se interesses ainda menores. Neste momento há de se entender que se escolhemos mudar nosso governo radicalmente se preciso for que façamos o mesmo com nossos representantes e seus interesses quando estes não dizem respeito aos nossos anseios.

Não podemos mais uma vez ficar omissos, apenas falando pelos corredores ou esboçando reações em eventos profissionais. O povo disse nas urnas que pais quer e cabe-nos como parte do povo especializada em dado assunto dizer a este governo qual a melhor prevenção para o Brasil. Seria de bom grado que tivéssemos noção do vulto desta proposta e com isso quero dizer que deixássemos de lado neste momento nossas diferenças por programas de R\$ 50,00 e pensássemos grande e coletivamente em prevenção de acidentes e doenças do trabalho.

Ao mesmo tempo e paralelamente, como cidadãos, devemos tomar por prática dizer aos nossos parlamentares eleitos o que achamos deste assunto.

Assim com certeza vamos caminhar para uma prevenção verdadeira, feita por gente do ramo e capaz de atender as necessidades de nosso imenso país.

Cosmo Palasio de Moraes Jr.

[cpalasio@uol.com.br](mailto:cpalasio@uol.com.br)